

Ciranda das Cores: Psicologia e resistência

Eduardo Barbosa de Freitas¹
Hemilli Luana de Lima²
Valéria Mendonça Barreiros³

Resumo: O presente trabalho visa apresentar o projeto de extensão e campo de estágio básico em Psicologia vinculada à Universidade Pitágoras Unopar, denominado *Ciranda das Cores: Psicologia e Cultura popular como dispositivos de saúde e defesa de direitos*. O projeto se materializa através de uma ação desenvolvida junto ao Coletivo Elitytrans, formado por transexuais e travestis, que compõe a Rede de Proteção e Garantia de Direitos da População Trans em Londrina. Esta rede, criada no final do ano de 2017, é composta pelo Coletivo Elitytrans, Defensoria Pública do Paraná em Londrina, pesquisadores, profissionais de diferentes serviços públicos, e voluntários. A Ciranda das Cores destina-se ao atendimento psicossocial à população transexual e travesti, através da articulação entre a Psicologia Corporal, Psicologia Social Comunitária e Ativismo, objetivamos esse trabalho como um novo dispositivo, tendo a Psicologia e a Cultura Popular transdisciplinarmente articuladas na reinvenção do cuidado como potência agenciadora de singularidades no processo de construção da cidadania. Esse encontro se dá a partir de corpos vibráteis/brincantes, onde a energia de vida circula na força do canto, do movimento e da roda. Roda que potencializa saberes e poderes. A Ciranda das Cores possui encontros semanais onde dançamos, tocamos, compomos cirandas, resistimos a uma sociedade transfóbica nos sentindo inebriados pela potência política da arte. Segundo Rolnik (2004,2007) nossa sociedade colonizada e capitalista nos distanciou do contato com os conhecimentos tradicionais e com nossa potência criadora, para ela a resistência está no próprio ato de criação. Pensamos em nosso encontro/produção como um ativismo, onde nossos corpos ganham força como ativistas e

¹ Universidade Pitágoras UNOPAR; graduando em Psicologia; edu_barbosa_freitas@hotmail.com.

² Universidade Pitágoras UNOPAR; graduando em Psicologia; limahemilli@gmail.com

³ Universidade Pitágoras UNOPAR; professora no curso de Psicologia; especialista em Gestão de Políticas Públicas para Crianças e Juventude; vabarreiros@hotmail.com.

cidadãos/cidadãs que atuam no espaço público. Ao partirmos da concepção do corpo como multiplicidade - corporeidades -, podemos visualizar tanto suas inscrições históricas, quanto suas possibilidades de resistência. Conclui-se que a possibilidade de resistência às transfobias e seus desdobramentos passa pelo resgate do movimento de invenção e criação no corpo, e a Ciranda das Cores pode ser um caminho possível nessa direção. Esperamos como resultado dessa ação, e do exercício do Artivismo, uma ação social e política que utiliza da produção artística em forma de militância na intenção de ser disparador de reflexões diante da realidade da população transexual e travesti.

Palavras-chaves: Psicologia; Transexualidade; Ciranda.

Introdução

O presente trabalho pretende trazer reflexões iniciais de graduandos em Psicologia, acerca da Ciranda das Cores, projeto de extensão do Curso de Psicologia da UNOPAR, que propõe a perspectiva de um atendimento psicossocial a população de travestis e transexuais de Londrina. Tem por objetivo criar um espaço de articulação entre a Psicologia Corporal/Bioenergética e a Cultura popular através de Grupo de Movimento e Ciranda, pretende ainda, contribuir para a defesa de direitos e promoção integral à saúde da população transexual e travesti.

Ao trazermos a perspectiva da integralidade da atenção à saúde da população trans, reconhecemos que a orientação sexual e identidade de gênero são fatores de vulnerabilidade para a saúde. De acordo com Peres (2015) os estudos sobre as sexualidades, as relações de gênero participam dos modos de subjetivação das pessoas, considerando as imagens, discursos e sentidos que são construídos no seu contexto histórico diante de vivências e experiências, estabelecendo um modo de explicação de mundo e de relações.

A inscrição de gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma cultura e, portanto, como marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade das formas de expressar os desejos e prazeres - também são socialmente estabelecidos e codificados. As identidades de gêneros e sexuais são, portanto, composta e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (Louro, 1999, p. 11)

De acordo com os dados apresentados pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) mostram que só no ano de 2017 foram 179 assassinatos de Mulheres Trans, Travestis e Homens Trans, e o Brasil é uns do país onde mais mata essa população no mundo e a cada 48 horas uma travesti ou transexual é morta, no ano 2018 já foram 69 assassinadas até o dia 21/05/2018. E é na intenção de colaborar com a construção de cuidado e defesa dessa população que se objetiva esse trabalho.

A Ciranda das Cores acontece em uma okupação cultural denominada como Canto do MARL, espaço de resistência do Movimento de Artistas de Rua de Londrina (MARL) movimento que surge em 2012 com a intenção de agregar artistas de todas as áreas que realizam seu trabalho em espaços públicos. Pretende ainda propositar discussões artísticas e políticas, principalmente à cidade de Londrina. Possibilita também troca de experiências e informações que promove parcerias para ações político/culturais e intercambio entre artistas londrinenses e movimentos culturais no Brasil.

O coletivo Elitytrans é um dos coletivos que faz parte MARL, uma de suas fundadoras é Melissa Campos⁴, ativista LGBTI, com propósito de reivindicar direitos enquanto cidadãos, lutar por visibilidade e contra a transfobia e conseqüentemente buscar empoderamento, causando reflexões na sociedade.

O coletivo desejava fazer uma nova militância, as (os) integrantes não queriam apenas uma militância tão ligada a Hiv/Aids e entregas de camisinhas, pensavam e queriam ampliar estas questões com uma militância que tivesse outros formatos, foi então que decidiram fazer teatro, palco para reivindicar e problematizar questões políticas, com foco na temática de gênero. Essa nova postura de militância se apresenta como Artivismo, conceito que trataremos logo mais.

As integrantes do coletivo junto com o Herbert Proença⁵, pensaram em estratégias para agregar pessoas trans e travestis para o movimento, sendo que as estratégias nada mais eram que oficinas de teatro e ao fim de cada oficina, havia um bate-papo para discutir sobre o acontecimento e partilhar experiências.

Inicialmente, o coletivo não pensava que houvesse a necessidade de montar uma peça de teatro, mas sim, cenas que seriam usadas como atos políticos pela cidade, assim, aqui já se percebe o caminho da arte na defesa de direitos. Dessa forma nasce uma das principais estratégias de atuação, que através de apresentações artísticas principalmente cênicas, levavam aos diversos cantos a discussão acerca das questões de gênero e transfobia, por nós aqui identificada como Artivismo .

Em um dossiê sobre Artivismo da Revista Cult de agosto de 2017, Colling (2017), traz a emergência de artistas e coletivos artivistas que se desenvolve na atualidade e se dá por alguns razões, dentre elas estão o crescimento de estudos de gênero e sexualidade no Brasil, em especial os ligados a perspectiva queer, o acesso as tecnologias e as redes sociais; a ampliação da temática LGBT nas mídias em geral, e o aumento da visibilidade e das identidades trans.

O ato de manifestação é denominado de ativismo /artivismo e discute questões referentes ao mundo social, político, cultural e artístico, alguns autores consideram como arte envolvida ou arte política. A arte e política, ambos têm autonomia e diversos instrumentos de ação, ao trabalharem juntas ou em áreas semelhantes pode possibilitar uma série de novos significados. Segundo Chaia, a arte política pode ser compreendida a partir destas relações:

⁴ Melissa Campos: Artivista e Militante nas áreas da Saúde e Direitos Humanos, Atriz e Produtora Cultural.

⁵ Herbert Proença: Docente de Psicologia na universidade Unopar Pitágoras, Artista, militante e artivista.

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

A compreensão da relação entre arte e política deve não apenas visar às circunstâncias históricas, mas também levar em conta as múltiplas concepções sobre o significado da política na arte. As diversidades de conceituação da política podem ser compreendidas numa larga faixa que vai da sua imediata identificação com o social, o coletivo, o público conforme a tradição clássica e até as abordagens em torno da prática do sujeito. (CHAIA, 2007, p.19)

Ao percebermos essa estratégia tão potente, pensamos em uma ação que pudesse transversalmente articular cuidado em saúde, defesa de direitos e arte, que nesse cenário se materializa com a junção da Psicologia Corporal e as tradições populares.

Desta forma o objetivo deste projeto é trabalhar a autonomia dos participantes, trazendo potencialidade aos corpos para lutar pelos seus direitos. Trabalhamos com o referencial teórico da Psicologia Corporal que é uma abordagem que busca entender o ser humano como um ser repleto de energia entre o psiquismo (mente) e o corpo. Busca ainda compreender, como o indivíduo manifesta sua subjetividade e interação com o outro, e de como será a manifestação energética da mente sobre o corpo, e o corpo sobre a mente. Com intenção, que o indivíduo se encontre e saiba perceber a sua própria energia e consequentemente seus pensamentos e emoções, obtendo uma vida saudável.

O projeto Ciranda das Cores traz a perspectiva de aliar o grupo de Movimento Emocional e a tradição Popular da Ciranda, para tanto iremos trazer inicialmente alguns conceitos importantes da Psicologia Corporal.

Wilhelm Reich (1897 - 1957) foi o precursor da psicologia corporal. Era médico e psicanalista vienense e discípulo de Freud, que ao romper com a psicanálise criou sua própria escola. Reich compreende que o ser humano é repleto de energia, e denominou a energia de orgone. Segundo Volpi e Volpi (2003, p. 02): é uma energia que preenche todo o espaço cósmico e se expressa em diferentes concentrações, movimento e forma.

Quando Reich era psicanalista ao lado de Freud, não entendia porque alguns pacientes não conseguiam alcançar a "cura" diante dos métodos de análise tradicional. Afirmou-se então, de que no modo de análise tradicional o terapeuta perdia contato de alguns comportamentos típicos de cada pessoa, por exemplo, o modo de falar, gesticular, etc. Diante dessa necessidade, levou Reich a atender os seus pacientes de forma que o terapeuta esteja sentado enfrente a ele, olho a olho, sendo assim seria, mas eficaz intervir sobre processos psíquicos do atendido. E desta forma que surgiu a técnica de análise do caráter.

Conforme Volpi e Volpi (2003, p. 02): o caráter de uma pessoa se forma com base nos bloqueios sofridos nas etapas do desenvolvimento psico-emocional.

Um trabalho sistemático orientado ao corpo, que coloca em evidência os processos emocionais do indivíduo, permitindo a este que se expresse através de gestos, posturas, tom de voz, etc. Partindo da análise do caráter, uma operação psíquica que procede de acordo um plano definido, desenvolvendo a partir da estrutura peculiar do paciente. ‘’. (Volpi e Volpi, p.4, 2003 apud Reich, 1995).

Diante a esse trabalho sistemático, Reich descobriu a couraça muscular, tensões crônicas que vão se formando ao longo da vida do indivíduo, a função da couraça é defender o indivíduo de experiências negativas que causam sofrimento. Desta forma a análise do caráter deixou de ser uma terapia somente psicológica, e atribui-se a trabalhar com o corpo em conjunto com o psiquismo (mente).

A partir das concepções da teoria reichiana, encontramos na Bioenergética idealizada na década de 1950 por Alexander Lowen, uma abordagem neo-reichiana que tem como objetivo o resgate da natureza primária que é a condição do organismo de ser livre, gracioso e belo.

A bioenergética é uma técnica terapêutica que ajuda o indivíduo a reencontrar-se com o seu corpo, e a tirar o mais alto grau de proveito possível da vida que há nele. Essa ênfase dada ao corpo inclui a sexualidade, que é uma das funções básicas. Mas inclui também as mais elementares funções de respiração, movimento, sentimento e auto-expressão. O indivíduo que não respira corretamente reduz a vida de seu corpo. Se não se movimenta livremente limita a vida de seu corpo. Se não se sente inteiramente, estreita a vida de seu corpo e, se sua auto-expressão é reduzida, o indivíduo terá a vida de seu corpo restringida. (LOWEN, 1982, p.38-39)

Em todos os níveis de desenvolvimento da vida, a bioenergética acredita que há uma energia em cada movimento do corpo, sentimentos e pensamentos. Através da respiração ocorre aumento do nível de energia, diante dos movimentos proporcionando a auto-expressão e restaurando os sentimentos corporais. Segundo Volpi e Volpi (2003) ‘‘a Análise Bioenergética, se dá sobre o funcionamento energético atual do indivíduo e sobre a sua história de vida, acreditando que ambos estão correlacionados’’.

Nossa proposta aqui, não se refere a processos psicoterápicos e muito menos a partir de um viés psicopatologizante. Trabalhamos a partir de princípios da Análise Bioenergética, e utilizamos a técnica do Grupo de Movimento Emocional que foge dos padrões tradicionais de uma psicoterapia. Seu objetivo é direcionar o/a participante ao conhecimento do seu corpo, sensibilizando-o na busca do desenvolvimento de sua consciência de si. Conforme Gama e Rego (1994), ‘‘ buscar literalmente conscientizar o inconsciente, querendo trazer à tona o material recalcado, tira-lo da toca de seus esconderijos corporais e também tentamos resgatar a vitalidade e o bem-estar. ‘’.

Mas que corpo é esse:

Quando se fala em corpo, na bioenergética, fala-se em respiração, em movimento, em sentimento, em auto-expressão, em sexualidade. É através do corpo, superando as barreiras impostas pelas restrições que se desenvolvem como forma de sobrevivência, que se chega à liberdade, à graça e a beleza. A liberdade é a ausência de restrição a sentimentos e sensações, a graça é a capacidade de expressão e a beleza é a harmonia. (VOLPI & VOLPI, 2003, p 21)

O Grupo de Movimento Emocional é uma estratégia de intervenção grupal que consiste em proporcionar às pessoas vivências que ajudem a amenizar tensões físicas e emocionais, favorecendo segundo Gama e Rego (1996), a percepção de si, a vitalidade, o bem estar e a expressividade. Tem por objetivo levar o participante a um processo de sensibilização e conscientização corporal, melhorando sua percepção de si e do outro. Busca-se ainda recuperar a vitalidade e o bem estar, resgatando a capacidade de expressão através da desinibição, do aumento da autonomia e do desbloqueio emocional. É um trabalho preventivo e, psicoprofilático, pois dá ao sujeito a possibilidade de um autoconhecimento através da própria linguagem expressiva do organismo. Caminha-se assim à espontaneidade e à descarga energética e emocional.

O objetivo é ajudar cada participante a fazer um maior contato com seu próprio corpo, amplificar as sensações corporais, a torna-se consciente das tensões musculares e dos bloqueios existentes em seu corpo e, trabalhando com movimentos e respiração num processo bem grupal, buscar sua liberação. O resultado que esperamos chegar com este processo é um fluxo mais livre e energia no corpo, o qual traria consigo um sentimento mais intenso de estar vivo, que por sua vez, aumentaria nos participantes a capacidade de sentir prazer. (Gama; Rego, p. 18, 1994 apud Green, 1990)

A partir dessa breve colocação sobre a Psicologia Corporal, iremos agora trazer algumas considerações sobre a Ciranda, para ao final deste artigo compreender a potência desse encontro.

A ciranda é uma dança típica brasileira, muito comum em danças de roda infantil porém, no nordeste e principalmente em sua cidade de origem no litoral Pernambucano na ilha de Itamaracá, devido as mulheres de pescadores que cantavam e dançavam a espera de seus maridos chegarem do mar. Uma das representantes mais conhecida entre os cirandeiros/cirandeiras é a Lia de Itamaracá.

A ciranda assim como a coco de roda, era mais dançada nas ruas e nos terreiros de casa de trabalhadores rurais, e depois começaram a sair para as praças, avenidas, ruas, afirma Gaspar (2009). A ciranda é uma dança comunitária e não faz discriminação quanto a raça,

gênero, idade e situação financeira e não há uma quantidade limite de números de participantes, quanto mais pessoas participarem melhor e mais divertido fica cirandar.

O projeto é desenvolvido por meio de oficinas semanais, o público alvo tem sido homens e mulheres trans, seus familiares e/ou companheirxs. Contamos com a colaboração militante de alguns percussionistas e musicistas que trabalham a construção de nosso cantar e tocar. No primeiro momento da oficina realizamos os exercícios propostos pelo Grupo de Movimento Emocional, e a seguir soltamos nossos corpos na Ciranda. Os exercícios bioenergéticos potencializam e acordam nossos corpos que ao bailarem a Ciranda trazem a alegria de existir.

Enquanto tocamos e dançamos, olhamos nos olhos uns dos outros e desta forma algumas histórias são contadas e outras tecidas!

Entre os exercícios de bioenergética e a dança temos momentos de conversa que trazem a riqueza dos encontros ali facilitados, trocamos histórias e construímos mundos possíveis.

Considerações finais.

Assim, pensamos na potência desse encontro também como uma estratégia de saúde mental e empoderamento de corpos na luta por seus direitos. A população trans muitas vezes (e literalmente) tem seus corpos negados, escondidos e mutilados pela violência da transfobia, assim adotamos o ativismo como estratégia política, pois nossa Ciranda pretende dançar pela cidade, em feiras, eventos culturais e acadêmicos, trazendo a leveza de corpos potentes.

Essa sabido que as organizações da sociedade civil tem desempenhado um papel fundamental para construção de políticas públicas e pensando sobre o trabalho de base do coletivo Elitytrans poderemos nos aproximar de demandas dessa população

Pensamos que a Ciranda das Cores, enquanto um projeto cultural pode dar visibilidade às pessoas trans deslocando-as de seus cantos de dor para cantos de luta numa sinergia de corpos rodopiando pela cidade.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Transsexualidade e Travestilidade na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- CHAIA, Miguel. *Arte e Política*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2007.
- LOURO, G.L. (1999). Pedagogias da Sexualidade. In_____. (Org.) (1999). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte. Autêntica.
- LOWEN, A. *Bioenergética*. 3ªed. São Paulo:Summus, 1982
- MESQUITA, André. *Insurgências Poéticas: Arte Ativista e ação coletiva*. São Paulo: Annablume Editora, 2011.
- PERES, Wiliam Siqueira. *Travestis Brasileiras: dos estigmas a cidadania* Curitiba: Juruá, 2015.
- ROLNIK, S. "Fale com ele" ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, T e ENGELMAN, E. *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- COLLING, Leandro. Artivismo das dissidências sexuais e de gênero. Apresentação do Dossiê, Revista Cult. Ano 20, N 226, Agosto, 2017.
- ROLNIK, S. *Memória do corpo contamina museu*. Revista Concinnitas. v. 1, n. 12, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/22811>>. Acesso em 17 maio, 2018.
- GASPAR, Lúcia. *Ciranda*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso 17 maio, 2018.
- <<https://antrabrazil.org/mapa-dos-assassinatos/>>. Acesso 15 abril, 2018.
- VILAS BOAS, Alexandre Gomes, *A(r)tivismo: Arte + Política Ativismo- Sistemas Híbridos em Ação*, 312f. Dissertação de Mestrado em Artes- Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.
- VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. *Psicologia Corporal – um breve histórico*. Centro Reichiano, Curitiba, 2003. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br>>.